

A BATALHA

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Resistência: Incluindo o Suplemento semanal,
Lisboa, mês 98.º; Província, 3 meses 28.º-50.
África Portuguesa, 6 meses 70.º-80; Estrangeiro,
6 meses 110.º-00.

QUINTA-FEIRA, 23 DE ABRIL DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 1066

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Câmaras de Imprensa e Estereótipos
RUA DA ATALAIA, 14, e 116
Este jornal não se publica às segundas-fei-
ras... Não se devolvem os originais... Os arti-
gos publicados são responsáveis os seus autores

Os inimigos do povo não eram apenas os oficiais que metralharam a cidade do alto da Rotunda

Há outros inimigos, os que alimentaram a revolta detraz do balcão, bem mais perigosos do que os revoltosos que se puzeram a descoberto: os banqueiros pagaram artigos em vários jornais preparando o ambiente para desencadear a revolta; a União dos Interesses Económicos que vem perturbando a opinião pública por meio dos seus jornais transformados em centros de conjura. Estes agora, calados, aguardam a oportunidade para dentro dos próprios partidos republicanos e das instituições republicanas prosseguirem no seu jesuítico trabalho de preparar de novo ambiente para mais massacres e mais atentados contra a liberdade do povo

Os militares que se revoltaram não ousariam lançar-se em tamanha aventura senão tivessem a apoiá-los na sombra a Finança, o Comércio, a Indústria e o Clericalismo

CONSOLIDANDO A VITÓRIA

Fracassou a revolta militar que tinha como objectivo impôr ao país uma ditadura de conservadores e uma reacção política contra todas as aspirações de progresso social e de liberdade!

Mas, para que a vitória sobre os reacionários seja indiscutível e não volte a haver a possibilidade de alguns aventureiros preparam um novo golpe de mão contra as liberdades públicas já conquistadas, torna-se absolutamente indispensável que a República se defenda ainda por outros processos.

Não há dúvida de que as classes trabalhadoras, tendo embora uma aspiração mais alta, um ideal de humanitarismo mais amplo do que a simples ideologia republicana, não deixam nunca de acudir com o seu apoio, até onde for preciso, quando a República está em perigo, ou quando se pretende fazer recuar a República a formas mais conservadoras.

Contudo, os republicanos, após estes momentos de crise, esquecem depressa a lealdade, a dedicação, o sacrifício do povo trabalhador para evitar a queda da República e mostram um pavoroso desinteresse pela sorte dos operários, quando se não pronunciam até por uma declarada hostilidade contra a sua organização.

Evidentemente que tal atitude é ilógica e nenhuma vantagem pode trazer às próprias instituições. Quere-nos parecer que, por parte dos republicanos seria de boa tática realizar, pelo contrário, uma acção mais em harmonia com a sua propaganda feita no tempo da monarquia, procurando criar escolas verdadeiramente dignas d'este nome, cuidando da higiene do trabalho, defendendo os consumidores contra a exploração dos grandes comerciantes e industriais, e, sobretudo, abstenendo-se de restrições de liberdade de reunião, de associação de imprensa e do pensamento, por forma que o povo encontrasse a possibilidade de se organizar e libertar.

Bem sabemos que tudo isso, feito por políticos, fica sempre muito aquém daquilo que nós queremos. Mas a verdade é que uma política declaradamente radical teria, pelo menos, a vantagem de evitar as intrigações com que por vezes a organização operária é enredada e embarracada na sua acção, e as perseguições aos seus militantes.

Bem sabemos que não é dentro das fórmulas políticas que se fará a verdadeira evolução social; mas a forma como os políticos contendem connosco ou se mantiverem numa neutralidade benéfica em face da nossa propaganda e da nossa acção, influirá necessariamente no carácter mais violento ou mais benigno que a revolução social, em todo o caso inevitável, virá a revestir. Porque a verdade é que, todas as transições que as classes burguesas tiverem para connosco não são senão um processo de defesa,

SOBRE UMA NOTA DA C. M. P. O patronato explora miseravelmente as mulheres que trabalham

E' contra os patrões e não contra as exploradas, que as classes avançadas protestam

A semana passada a direcção da Cruzada das Mulheres Portuguesas fez inserir nos seus jornais uma nota onde se dizia que «não se pode admitir que sejam exactamente as classes mais avançadas que queriam impedir o trabalho, em livre concorrência, das mulheres, suas companheiras e camaradas».

Este protesto surgiu ao propósito de certos equívocos sociais, provocados não de certo pelas mulheres, mas pelos que as exploram, pelos patrões.

Evidentemente que tal assunto pedia uma resposta daquelas que têm ideias novas, plenas de humanitarismo e que nunca viriam a manter um inimigo, nem sequer uma concorrente.

Os últimos acontecimentos, porém, relembraram o caso para segundo plano e a nota da C. M. P. não teve a resposta que merecia.

Vamos fazê-lo agora.

Não temos, lógicamente, nenhuma má vontade contra a C. M. P., mas parece absurdo que esta tenha admitido que as classes mais avançadas queiram impedir o trabalho em livre concorrência das mulheres.

Nós não só admitimos como até achamos digno esse trabalho que tanto dignifica essas criaturinhas que têm de ganhar, com o esforço de cada dia, o seu pão, enquanto outras, não mais belas do que elas e não mais merecedoras, gosam de todos os prazeres da vida e entregam-se à vólpia das joias, das toilettes sumptuosas, não porque as tivessem conquistado com o suor, mas apenas porque seus pais, seus antepassados, seus maridos ou seus amantes se dedicaram ou dedicam a explorar o trabalho dos outros.

Não. Nós só podemos ver com simpatia, com fraternidade, essas encantadoras raparigas que, como bombas madrugadoras, abandonam cedo suas casas e vão trabalhar para os escritórios, para as oficinas—tantas vezes à conquista do pão que seus pais, já inutilizados, devem comer.

Essas mulheres, cheias de anónimos heróismos, que preferem trabalhar a prostrarem-se, constituem um exemplo dema-

siado belo e significativo da próxima emancipação, para que as odiemos.

«As classes avançadas», que só podem estimar fraternalmente as mulheres que trabalham, têm um grande e nobre sentido da solidariedade humana para pensarem sequer na concorrência que as mulheres lhes possam fazer.

O que as «classes avançadas» não podem estimar—e a C. M. P. se não fôsse constituída por classes quicaz atrasadas já teria compreendido isso—é que, aproveitando do esforço feminino, os patrões procurem desvalorizar o esforço masculino.

A nossa antipatia não é para as mulheres que trabalham mas sim para os patrões que as exploram.

Aproveitando-se dessas heróicas criaturinhas que precisam ganhar, seja qual for o sacrifício, o seu pão, os patrões não só as exploram, como, argumentando com o miserável salário que lhes pagam, tentam desvalorizar e explorar ainda mais o trabalho do homem.

Já pensou isto a C. M. P.? Já pensou este organismo jem defender das fauces vorazes do patronato, as mulheres que trabalham?

Esta é que seria a atitude simpática e humanitária a tomar pela C. M. P.

Logo que o trabalho feminino fôsse pago, já não justamente, porque isso não faz a sociedade burguesa, mas pelos menos razoavelmente os patrões não poderiam apresentar a mulher que trabalha como uma concorrente do homem que deseja trabalhar.

A luta é, pois, contra os patrões, é contra os exploradores.

Lutar contra as mulheres que se dignificam, trabalhando?

E' preciso que a C. M. P. desconheça por completo a mentalidade das classes que são conscientemente avançadas, para assim o ter pensado.

Nós consideramos, as mulheres que trabalham, nossas irmãs, vítimas, como nós, do mesmo mal, da mesma exploração, dos mesmos sofrimentos—e como nós necessitadas de que chegue a hora da justiça, da emancipação.

para evitar uma maior acumulação de ódios e desesperos, que pode vir a desencadear uma onda sangrenta de vinganças, sobretudo nas massas sem instrução e que se deixam arrastar pelo impulso do primeiro momento.

Pensarão agora os republicanos em mudar de atitude, decidindo-se a colocar-se abertamente ao lado das reivindicações populares?

Será dessa vez que procurarão começar a cumprir alguma coisa do velho programa do antigo partido republicano?

Será desse momento que por vezes a organização operária é enredada e embarracada na sua acção, e as perseguições aos seus militantes?

Bem sabemos que não é dentro das fórmulas políticas que se fará a verdadeira evolução social; mas a forma como os políticos contendem connosco ou se mantiverem numa neutralidade benéfica em face da nossa propaganda e da nossa acção, influirá necessariamente no carácter mais violento ou mais benigno que a revolução social, em todo o caso inevitável, virá a revestir.

Porque a verdade é que, todas as transições que as classes burguesas tiverem para connosco não são senão um processo de defesa,

SUSPENSÃO DE JORNAL

Uma comissão composta de delegados do Sindicato dos Profissionais da Imprensa e da Associação dos Compositores Tipográficos, avistou-se ontem no Parlamento com o ministro do interior sr. Vitorino Godinho, a quem fez sentir os prejuízos que às classes por elas representadas acarreta a suspensão de jornais.

O ministro do Interior declarou à comissão que a suspensão de jornais e a censura deixariam de ser um facto dentro de poucos dias.

A festa a favor de A BATALHA que se devia realizar no sábado e domingo, devido à suspensão de garantias, foi adiada para quando se anunciar.

Porque foi suspenso o "Século"?

Os dirigentes e proprietários daquele jornal comprometeram-no estupidamente na falida sedição militar ditatorial

A censura, a suspensão, a supressão e outras violências medidas aplicadas aos jornais nunca mereceram a nossa concordância. Sempre protestámos contra as perseguições que por vezes os governos se arrogam contra a imprensa, considerando um abuso e uma imoralidade que se procurasse limitar, fosse qual fosse o pretexto, a liberdade de pensamento.

Não temos contudo prazer de lavrar protestos que só a censura lhe, transformando-o depois em espaço em branco que intriga e irrita justamente os leitores.

Actualmente estão suspensos dois jornais: o Diário de Lisboa e o Século. Sobre o primeiro deu algumas explicações, no parlamento, o chefe do governo; quanto ao seu conteúdo, que é prisoneiro das "Forças vivas", é absoluta certeza de que o seu gesto iria causar danos a seres inocentes e alheios a estas lutas e contendas.

A inteligência mais obtusa e inconsciente, o ser mais cretino, comprehende com a maior nitidez que disparar tiros de canhão ao céu, com sangue frio e plena consciência moral, disparar um tiro de granada repleta de metralha, sobre uma cidade indefesa e desacudida, confundir a certeza de que o seu gesto iria causar danos a seres inocentes e alheios a estas lutas e contendas.

Aplicando só este sentido comum, resulta com segurança, que umas granadas lançadas assim têm cinco mil probabilidades contra uma em atingirem o verdadeiro objectivo.

Pois bem: se isto é uma verdade incontrovertida, o facto de disparar um canhão de artilharia, para sinal dum protesto, constitui um dos mais graves delitos humanos.

Repugna conceber—repto—que existam seres tão anormais e inconscientes a quem não lhe trema o pulso ao puxar a espoleta de um canhão, sabendo previamente que vai semear a ruína, a dor, a desolação sobre uma multidão de famílias inocentes e alheias à luta.

Imagine, sr. director, que as granadas que caíram sobre o prédio n.º 13 e 15 do Poço do Borratim, fui surpreendido na cama, dormindo, pelo explosivo das granadas, ao desmoronamento do tecto da minha habitação e os destroços que a metralha de chumbo, ferro e aço, fizeram nas paredes, pavimento, móveis do quarto de dormir e até nas minhas roupas.

Só, por milagre, fiquei com vida, e como creio que esta só é digna de ser vivida quando se emprega no bem—não na destruição dos nossos semelhantes—fomos a liberdade de dirigir-lhe estas com o propósito, assim quixotescos, de alumiar consciências que a pesar de se vestirem em boas alfaiaarias e ostentarem galões e estrelas, vivem com uma mentalidade da idade da pedra e com instintos troglodíticos.

Não sou tão ingénuo que espere em breve tempo uma tal perfeição nos homens e que as suas consciências se iluminem ao ponto de se comoverem antes de arrastar as gentes às suas ordens—com penas prováveis; nem tampouco creio numa proxima emancipação mental desses seres subordinados pela lei que fazem ver os cégos de consciência, já que têm uma arma na mão, a razão suprema, porque a têm. Esse dia chegara. Mas se não sonhos em tais perfeições—nem num futuro remoto—creio firmemente no progresso humano, e no que possa, com os meus escassos meios contribuir a que saímos da animalidade de que viemos e a impedir a ascensão lenitiva, para uma maior espiritualidade a que aspiramos por enquanto uma reduzida minoria de homens.

Pede-lhe desculpe por este desabafo o que antecipadamente lhe agradece

ALFREDO NOVOA

O CAVALHEIRISMO DOS QUE BOMBARDEARAM A CIDADE

Uma eloquente carta dum advogado espanhol vítima das granadas no Poço do Borratim

Do dr. sr. Alfredo Noya, advogado espanhol que accidentalmente se encontra em Lisboa, recebemos a carta que gostosamente publicamos a seguir:

SR. REDATOR.—No número 8203 de O Mundo, no seu artigo de fundo, intitulado «Considerações Oportunas», li a afirmação de que o tiro de peça, que serviu de sinal para o movimento militar de 18 do corrente, foi disparado por um oficial do exército português.

A minha sensibilidade de homem do século XX repugna admitir de que um homem, como deve ser aquele que se considera ao ofício das armas, possa, com sangue frio e plena consciência moral, disparar um tiro de granada repleta de metralha, sobre uma cidade indefesa e desacudida, confundindo a certeza de que o seu gesto iria causar danos a seres inocentes e alheios a estas lutas e contendas.

A inteligência mais obtusa e inconsciente, o ser mais cretino, comprehende com a maior nitidez que disparar tiros de canhão ao céu, com sangue frio e plena consciência moral, disparar um tiro de granada repleta de metralha, sobre uma cidade indefesa e desacudida, confundindo a certeza de que o seu gesto iria causar danos a seres inocentes e alheios a estas lutas e contendas.

Imagine, sr. director, que as granadas que caíram sobre o prédio n.º 13 e 15 do Poço do Borratim, fizeram um horrore, mataram um honradíssimo chefe de família. Mas calcule que as mesmas caíram um pouco mais adiante, na praça da Figueira, e aquela hora do dia! Havia certamente agora muitas vítimas a chorar, especialmente mulheres que de madrugada se arrastaram para os seus penosos miserios.

Seria uma hecatombe horríssima de que a Europa inteira se faria eco com asco, e tanto mais criminal, quanto mais estéril e inútil.

Leal dera a sua palavra de honra que não tomara parte no movimento, não seria capaz de mentir. Se estivesse envolvido nele não faria uma declaração tão solene. Além disso o sr. António da Fonseca, que estava hospedado em casa de Cunha Leal, podia confirmar as suas declarações.

Na mesma ordem de ideias falaram os srs. Carvalho da Silva e Pinto Barriga.

O sr. ministro da justiça declarou que em caso do sr. Cunha Leal se fizeram várias reuniões preparatórias do movimento, desse movimento de que ele fizera intensa propaganda em comícios e em conferências.

Quando o leader nacionalista foi preso encontrava-se em sua casa apenas há meia hora. Não considera, nestes casos, flagrante delito apenas o facto de se ser apanhado com armas na mão.

O debate sobre este assunto prossegue hoje.

O Parlamento voltou a ocupar-se da prisão de Cunha Leal

Ontem no Parlamento voltou a ser discutida a prisão do deputado Cunha Leal, tendo ainda ficado resolvido.

Foi lido o parecer das comissões de guerra e de legislação criminal que concluíam por se não pronunciar, deixando à câmara esse cuidado.

Antes do parecer tinha sido lida uma carta daquele deputado em que afirmava, sob palavra de honra, não ter tomado parte no movimento e que se a câmara lhe levantasse as imunidades parlamentares renunciava ao seu mandato.

Os nacionalistas que tinham feito a sua entrada no Parlamento delegaram no sr. Pedro Pita a defesa dos correligionários presentes. Este senhor declarou que o sr. Cunha

Leal dera a sua palavra de honra que não tomara parte no movimento, não seria capaz de mentir. Se estivesse envolvido nele não faria uma declaração tão solene. Além disso o sr. António da Fonseca, que estava hospedado em casa de Cunha Leal, podia confirmar as suas declarações.

Na mesma ordem de ideias falaram os srs. Carvalho da Silva e Pinto Barriga.

O sr. ministro da justiça declarou que em caso do sr. Cunha Leal se fizeram várias reuniões preparatórias do movimento, desse movimento de que ele fizera intensa propaganda em comícios e em conferências.

Quando o leader nacionalista foi preso

POLÍTICA FRANCESA
O novo governo apresentou-se ontem no Parlamento

A declaração ministerial vivamente apoiada pelas esquerdas

PARIS, 21.—O sr. Painlevé fez hoje a sua apresentação na Câmara dos Deputados.

Subindo à tribuna, o presidente do conselho leu-meio do maior silêncio da Câmara, apenas interrompido uma ou outra vez pelos calorosos aplausos das esquerdas, o programa ministerial.

Nele se afirma que o governo tem dois deveres a cumprir: velar pela segurança da França e salvaguardar o equilíbrio financeiro da nação.

Noutro ponto diz-se que nas proximas negociações internacionais o governo empenhar-se-há pelo desenvolvimento dum plano que conduza à regularização das dívidas inter-aliadas e à multiplicação das garantias de paz e segurança entre os povos, bascando-se para isso na arbitragem e no desarmamento.

Mais adiante, o documento lido pelo sr. Painlevé afirma que dentro em pouco será apresentado ao parlamento o projeto de orçamento onde todas as despesas serão cobertas pelos impostos, contando para isso o governo com a boa vontade do país, certamente disposto a todos os sacrifícios.

Embora mantendo junto do Vaticano um seu representante, o governo será um defensor indefectível da legislação laica.

Referindo-se à Alsacia-Lorena, o programa ministerial diz que serão respeitados todos os direitos adquiridos.

Ocupa-se depois a declaração do governo da aplicação do horário das oficinas de trabalho e da rectificação das convenções internacionais de trabalho, de Washington e de Genebra.

Logo que o sr. Painlevé desceu da tribuna, aclamado pelas bancadas das maiores, pediram a palavra os srs. Cachin, Bertrand e Battelei. (—L.)

A presença de Caillaux no gabinete provoca protestos

PARIS, 22.—Terminada na Câmara dos Deputados a leitura da declaração ministerial, usaram da palavra os srs. Cachin, que criticou a política externa do governo anterior, e Charles Bertrand e Jean Zog, que em nome dos combatentes da Grande Guerra protestaram contra a presença do sr. Caillaux no gabinete.

O sr. Painlevé respondeu que aceitaria o poder unicamente para procurar fazer face às dificuldades financeiras que assobravam a França.

E' necessário — exclamou — encontrar o equilíbrio entre as receitas e as despesas.

O presidente do conselho concluiu dizendo que os franceses são suficientemente patriotas para não negarem o seu apoio a um governo bem intencionado como é aquele que tem a honra de chefiar.

Falou a seguir o sr. Braisot, da união republicana democrática, que atacou a forma porque se organiza o gabinete, erguendo-se depois o sr. Briand, ministro dos negócios estrangeiros, para responder a algumas das críticas precedentes.

Aludindo às palavras dos srs. Bertrand e Jean Zog, disse ser impróprio o momento para tratar de questões pessoais, e respondendo ao deputado Fabry, que o interroga sobre o problema da segurança, afirmou ser intenção do governo prosseguir na política externa do sr. Herriot.

A melhor política — disse — para a França é conservar-se em contacto permanente todos os aliados, nada fazendo sem prévio acordo com os respectivos governos.

O orador atribui grande importância ao pacto da Sociedade das Nações, dizendo que a elle deve a França o não encontrar-se isolada.

Quanto ao problema da segurança, é seu desejo continuar as conversações já encetadas até chegar a um acordo definitivo.

E' aprovada a moção de confiança ao governo

PARIS, 22.—Depois de aprovada na Câmara dos Deputados a moção de confiança ao governo, este dirigiu-se ao Senado, onde a leitura da declaração ministerial foi acolhida friamente, sendo adiado o debate político para o dia em que se realizará a interpelação do sr. Gaudenville, sobre a proposta dos duodecimos provisórios. (—L.)

Caillaux aplaudido pelas esquerdas parlamentares

PARIS, 22.—O aparecimento do sr. Caillaux na Câmara deu lugar a várias manifestações, tendo sido muito aclamado pelas esquerdas e apupado pelas direitas.

Os jornais dizem que as declarações do cartel das esquerdas perante o novo governo estão cheias de belas promessas, mas são muito vagas. A Journée Industrielle espera do governo actos concretos que estableçam uma nova era no país. (—R.)

Serão os bancos nacionalizados?

PARIS, 22.—Os jornais interessam-se muito com a questão financeira discutindo a questão da nacionalização dos bancos ou do seu auxílio por parte do governo. O aumento da circulação fiduciária faria perder à economia da população francesa 100 bilhões de francos. (—K.)

Trotzky vai regressar à actividade política

MOSCOWIA, 22.—Trotzky, já restabelecido da doença que o obrigou a uma cura de repouso, vai regressar à capital soviética e à actividade política.

Afirma-se que assumirá a vice-presidência do conselho de trabalho e de defesa, o qual se ocupa somente, após a sua reorganização, dos assuntos de política económica dos soviets, no interior e no exterior. (—R.)

OS QUE MORREM

Couceiro da Costa

Faleceu ontem de madrugada em Vienna de Austria o ministro de Portugal naquela cidade, sr. Couceiro da Costa. O falecido foi um dos inimigos do dezentrismo, tendo tomado parte importante na revolta de Santarém, e foi ministro das Finanças no gabinete do sr. Domingos Pereira.

NA ESPANHA NEGRA

O processo pela morte do cardeal Soldevilla

A-pesar-das provas de inocência António Torres foi condenado à morte

Já o previa em minha nota anterior. O tribunal militar para satisfazer os caprichos do jesuítico, acabou de condenar à morte António Torres, cuja inocência ficou provada no tribunal que o julgou.

De nada serviu a declaração dos dois camponeses que presenciaram o atentado, nem a defesa do próprio sobrinho do cardeal. A Espanha clerical devia vingar a morte do príncipe da igreja, ainda que para isso fosse imolada uma vítima inocente. Esta vítima é António Torres, cujo único crime é ter ideias contrárias aos ditadores.

Após o julgamento, o marquês de Magás, presidente interino do directorio militar, recebeu a visita dos bispos Vidal e Barrera, Melo, Benlloch e Gansaguer, com os quais teve demorada conferência.

Por notícias fidedignas, sabemos que esses prelados pediram ao ditador a condenação de António Torres, alegando que a igreja ficaria desrespeitada se a morte do cardeal ficasse na impunidade.

Magas hesitou perante tal pedido, pois há provas da inocência de Torres. Mas os bispos alegaram que também os reis de Vera eram inocentes, e foram condenados à morte para satisfação da Guarda civil!

O pedido dos jesuítas foi atendido, e o tribunal não hesitou em condenar à morte um inocente.

O carrasco, genuíno representante da Espanha moderna, vai entrar de novo em férias.

São já 18 os operários executados durante o período ditatorial. Ira Torres aumentar este número? É fácil, pois nada há a esperar dos ditadores. Façamos, no entanto, um último esforço para salvar a vida desse inocente.

Todos os sindicatos, que todos os camaradas, enviem telegramas de protesto ao ministro da Espanha e ao presidente do directorio.

Empreguem todos os esforços para que a morte não seja conduzida ao patíbulo. Salvemo-lo, pois, ainda é tempo!

MANUEL PERES.

As últimas arbitrariedades do Directorio

Informam-nos de Barcelona do seguinte: O governador de Gerona, general Urquiza, deu ordem para que fosse preso P. Barceló, missionário, acusado de ter dirigido, num dos seus sermões, violentíssimos ataques «contra a integridade do movimento español».

Na fronteira de Porto-Bau, a polícia espanhola prendeu um jornalista estrangeiro, chamado Alvarez, correspondente do jornal *El País* de Montevideo e transferiu-o para as prisões de Figueras.

O processo levantado contra Moneva e Puyal, professor da Faculdade de Direito de Saragoça, deve estar terminado no dia 24 ou 30 deste mês. O procurador do rei, pede para o professor Moneva e Puyal, quatro anos de prisão, em razão dum discurso que ele pronunciou, quando da inauguração dos cursos da Universidade, e no qual se crê ter havido frases ofensivas para o actual regime da Espanha.

Nacional

Está dando neste teatro as suas últimas récitas o **ABADE CONSTANTINO**, não obstante o seu êxito, para dar lugar a ser representado o novo original português intitulado: **NAUFRAGOS**.

Notas várias

Um facto pouco conhecido: Os srs. Alvaro de Castro e Sá Cardoso chegaram a estar em Santarém onde foram, como delegados do governo, organizar uma coluna mista de infantaria e artilharia que devia marchar sobre Lisboa. Chegou a estar organizado um combóio especial para transportar as tropas que não chegaram a servir em virtude da capitulação dos revoltosos.

* * *

O tenente-coronel sr. Alvaro Pope declinou o convite, que lhe fora feito, de soprar a pasta da guerra.

O chefe do governo encarregou o sr. Alvaro de Castro de escolher um oficial do exército para preencher aquela pasta.

* * *

Foi ontem preso o sr. Frederico Portugal sob a acusação de, segundo nos consta, ter prestado informações aos revoltosos.

O Diário do Povo esclarece que ele esteve no acampamento em desempenho de serviços que lhe foram incumbidos por aquele jornal que defende, como é sabido, a orientação política do partido radical.

* * *

Os feridos internados no hospital de São José, encontram-se em estado satisfatório, à exceção de Emilia da Piedade Gonçalves que está em estado grave.

Estão livres de perigo os feridos que recolheram ao hospital de Santa Marta.

No hospital militar da Estréla, os feridos têm experimentado melhorias, à exceção do sargento Ricardo Dias que ainda não está livre do perigo.

* * *

Ontem de tarde uma força de infantaria 2, comandada pelo tenente sr. Fialho, tomou posse do quartel de metralhadoras, tendo procedido a selagem de diversos compartimentos.

* * *

Cessou ontem a prevenção rigorosa na armada.

O «Vasco da Gama» entrou na doca da Parcheria a fim de se proceder ao seu centésimo concerto.

* * *

A Associação Humanitária «Cruz de Malta», pede-nos que tornemos público o seu reconhecimento pelas pessoas abaixo designadas, pelos auxílios de variedade prestados para os socorros a feridos durante a recente revolta militar.

São elas: Augusto Jorge Barbosa Lobo, rua Artilharia, 1, 37, 1.º; Lourdes de Almeida, n.º 41 da mesma rua; Alvaro Teles de Carvalho, proprietário do carro n.º 2395 e «chauffeur» António da Silva Botelho, rua n.º 2, à rua Correia Teles.

Os oficiais presos foram transferidos para Santarém e Elvas

Tentou-se fazer segredo da transferência dos oficiais revoltosos que se encontravam a bordo do *Vasco da Gama* para os presídios militares de Santarém e Elvas. Porém o aparecimento à 1 hora da madrugada de ontem, na Estação de Alcântara-Terra, duma força da G. N. R. fez despertar suspeitas que o que se tratava.

Os oficiais presos vieram em rebocadores, embarcando a seguir no comboio que os conduziu aquelas duas cidades. Fora dada ordem na linha ferroviária para que este comboio preferisse todos os outros inclusive o «express». O comboio poze-se em marcha cerca das 2,50 da madrugada, sendo em número diminuto as pessoas que assistiram à partida.

Para Santarém seguiram os seguintes oficiais: capitão Frederico Vilar, tenentes Abel Moutinho, Abel Raposo, Paiva Moda, Henrique Moura, Artur Leal, Mateus Cabral, Archanes da Silva, Coelho da Mata e Raúl Braga.

Para Elvas onde deram entrada no forte da Graça, partiram os seguintes: general Sinel de Cordes, coronel Raúl Esteves, major Lícinio Catarino Lima, capitão de fragata Filomeno da Câmara, tenentes Jorge e Júlio Botelho Moniz, José Diogo Ferreira Martins, Jacinto Paiva Simões, Rui Horta, Silva Reis, António Metelo e Reginaldo de Oliveira, capitão Pereira Dias e alferes José Luís dos Santos Romão.

Acompanhava os presos uma força da G. N. R. que tinha ordem de disparar a approximação das pessoas suspeitas durante o percurso.

O número de oficiais que se encontram em vários presídios e a bordo é de 56.

O carrasco, genuíno representante da Espanha moderna, vai entrar de novo em férias.

São já 18 os operários executados durante o período ditatorial. Ira Torres aumentar este número? É fácil, pois nada há a esperar dos ditadores.

Também se efectuou o funeral do caioteiro José de Almeida que foi morto, na sua residência, pelos estilhaços dum granada. O príscito fúnebre saiu da Morgue para o cemitério oriental.

Os funerais das restantes vítimas devem efectuar-se hoje.

CONSTANTINOPLA, 22.—Apesar das notícias optimistas do governo de Angora dizendo que o movimento revolucionário da Kurdistânia está completamente terminado, contudo, os kurdos ainda continuam fazendo guerra de guerrilhas nas montanhas, estando ainda de posse de Silvan. Apesar da sua impossibilidade de oferecer qualquer resistência importante, no entanto poderão incomodar o exército turco. Foi resolvido manter no Kurdistânia um grande número de forças militares e submeter a região durante um largo espaço de tempo à lei marcial.

O Sheik Said *leader* da insurreição vai ser julgado em Diyarbakir, ligando-se muita importância aos documentos que lhe foram encontrados, mostrando que o movimento tinha largas ramificações e que segundo se diz provam também a cumplicidade da Inglaterra.

NO GOVERNO CIVIL

CONVENTO DE S. BERNARDO, 22.—Aqui se realizou o funeral do cidadão José de Almeida que faleceu ontem.

ONDE ESTAMOS

CONVENTO DE S. BERNARDO, 22.—Aqui se realizou o funeral do cidadão José de Almeida que faleceu ontem.

ONDE ESTAMOS

CONVENTO DE S. BERNARDO, 22.—Aqui se realizou o funeral do cidadão José de Almeida que faleceu ontem.

ONDE ESTAMOS

CONVENTO DE S. BERNARDO, 22.—Aqui se realizou o funeral do cidadão José de Almeida que faleceu ontem.

ONDE ESTAMOS

CONVENTO DE S. BERNARDO, 22.—Aqui se realizou o funeral do cidadão José de Almeida que faleceu ontem.

ONDE ESTAMOS

CONVENTO DE S. BERNARDO, 22.—Aqui se realizou o funeral do cidadão José de Almeida que faleceu ontem.

ONDE ESTAMOS

CONVENTO DE S. BERNARDO, 22.—Aqui se realizou o funeral do cidadão José de Almeida que faleceu ontem.

ONDE ESTAMOS

CONVENTO DE S. BERNARDO, 22.—Aqui se realizou o funeral do cidadão José de Almeida que faleceu ontem.

ONDE ESTAMOS

CONVENTO DE S. BERNARDO, 22.—Aqui se realizou o funeral do cidadão José de Almeida que faleceu ontem.

ON

MARCO POSTAL

Capino—Agente—Recebida liquidação.
Vall Ringer—J. R. Mendes—Recebemos carta e cheque. Segue resposta.
São Luis—E. Leuenroth—Segue o estatuto pedido e jornal.
Burque—Agente—Recebida liquidação.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE ABRIL

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
D.	5	12	19	26	Aparece às 5,50
S.	6	13	20	27	Desaparece às 19,21
T.	7	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	8	15	22	29	Q. C. dia 1.º de 5,33
Q.	9	16	23	30	L. C. dia 2.º de 5,33
S.	10	17	24	—	L. N. dia 3.º de 5,40

MARES DE HOJE

Praiamar às 3,07 e às 3,25
Baixamar às 8,37 e às 8,55

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Los Angeles, 15 dias de vista.	17,25	17,25
Londres, cheque.	18,75	18,75
Paris	12,60	12,60
Suica	5,90	5,90
Bélgica	1,30	1,30
Italia	2,84	2,84
Holanda	2,018	2,022
Madrid	2,05	2,05
New-York	2,05	2,05
Brasil	2,14	2,14
Noruega	2,02	2,02
Espanha	2,00	2,00
Dinamarca	2,79	2,84
Francia	2,60	2,62
Buenos Aires	7,70	8,00
Viena (shilling)	2,80	2,80
Rentimos euro	4,80	4,82
Agio do ouro	2,85	2,85
Libras euro	10,400	10,600

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Teatro—A's 21—O'Abade Constantino.
São Luis—A's 21—A Leitura de Entre Atreios.
Teatro—A's 21—As Tangerinas Mágicas.
Apollo—A's 21, 25—Sessão permanente: Variedades.
Teatro dos Recreios—A's 21—Sarau sportivo.
Tubarão—A's 21, 25—Variedades e A Clíada.
Estrela—A's 20, 25—Variedades.
O Vidente (A Graciosa)—A's 20—Animatógrafo.
Laranjeira Parque—Todas as noites—Concertos e divertimentos.

CINEMAS

Olimpia—Chiado. Terrasse—Salão Central—Cinema Condé—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora—Educação Popular—Cine Paris—Cine Brasil—Cine América—Chanteler—Tivoli—Torreto—Gil Viegas.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete inglês «Iuros» são hoje expedidas maiores postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Da estação central dos correios as últimas tiragens de correspondências registradas são às 9 horas e das ordinárias às 11 horas.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas ócias e maccas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 35 e quiosque.

Dirigir-se a Francisco Pereira Lata e à casa que fornece em melhores condições.

LIVRARIA RENASCENCA

Obras literárias, científicas, profissionais e carísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, cartilhas e livros de escrituração, mapas de escrituração, mapas de descarga, cotações e de matérias primas, Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juntas, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papeleria e escritório, sempre aos preços mais baixos do mercado.

grandiosa obra de Victor Hugo, «Os Misérables», voltada para assinantes, tornou-se imediatamente com suas respectivas em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se 500 de porte e embalagem para a praça.

Sempre novos artigos e novidades.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29

LISBOA

CAMAS E COLCHÕES

ninguém vende mais barato

RUA POIAIS DE SÃO BENTO, 37

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo



PULVERIZADORES

Sistema Bouhet & Vermorel, torpilhas, enxofradores, pulverizadores de mão para jardins, de 5 a 4 litros, para jardins, para rosérias, peças soltas para reparações, artigos de borracha, etc.

Pedidos a
J. S. MOUTELA
28-A, Rua da Palma—28-B
LISBOA

Sapateiro

Ajudante de corte — Precisa-se. Telheiro São Vicente, 8, 2º.

Oficiais

de obra de homem, precisam-se. Rua do Mundo, 45.

Oficiais

de salto forrado e de sola, precisam-se. Rua do Mundo, 45.

FOTOGRAVURA
TRICROMIA
ZINCografia
DESENHOGRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1908GRANDE PREMIO E
MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECHANICA

Largo do Conde Barão, 49

LISBOA

TELEFONE

2554

C

REUMATISMO

Sifilítico, Bienorrágico, Gotoso,

Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 3\$00

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas

farmácias e drogarias

Pó Anti-bienorrágico

E' o mais poderoso combatente das blefarite crônicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

LIMAS NACIONAIS

UNIÃO

MARCAS REGISTADAS

Lima

Union Tomé Peixeira, Ltd.

rivalizam em preço

e qualidade com as melhores limas do mundo!

Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poiais de São Bento,

27 e 29

LISBOA

OURO MAIS BARATO

Vende a Ourivesaria A. M. NEVES

RUA DOS ANJOS, 26

tem frente à Calçada do Conde Bomboim

Da sua magnifica exposição que constitui um belo sortido de CADIAS, CORDOAS, COR-
COS e muitos objectos próprios para BRINDES.

Lede o Suplemento de A Batalha

Grande comício!

Vai realizar-se em prol do grande sortido de chapéus de palha e feltro que a

Chapelaria Iliôn

acaba de receber por preços de reclame

125, RUA DOS ANJOS, 127

OURO

muito mais BARATO

Grande sortimento de cordões, correias e muitos objectos de ouro, assim como anéis, alfinetes e muitos objectos com brilhantes.

Só vende BARATO

a OURIVESARIA

CORRÊA & MOURA

Rua de São Paulo, 186—LISBOA

(Próximo à Casa da Moeda)

Valério, Lopes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmalta, parafusos, fundos para caldeiras, guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO EMPORIO, 86—LISBOA — TELE

fona, 3930, M. gramas, FERRAGENS

IMPORTANTE
SEGUROS MARÍTIMOS

"A MUNDIAL" participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices flutuantes.

Dirigir-se à

Capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$00 — Reservas, Esc. 743.031\$60,9

Delegação no Porto:
Rua Garrett, 95—Tel. 3894

Rua Sá da Bandeira, 331, 1.º

SALVADOR BARATA L. DA

RUA DAS GRIVOTAS II. 19-II a 19-II
TELEFONE C. 546—LISBOA

Fabricantes dos ALVAIADES marca GAIVOTA e únicos depositários do

PÓ RODRIGUES

Agentes: ILHAS—João Gomes—FUNCHAL

A VENDA em todas as Drogarias, Mercearias e Lojas de Ferragens

O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.

A BATALHA

INTERESSES DE CLASSE

E' necessário que os fabricantes de calçado de Coimbra não esqueçam o seu dever

Há tempos, animados pelo desejo de organização, e fazendo-nos parte do Comité de Propaganda Confederal, alguns operários fabricantes de calçado desta cidade procuram-nos no sentido de os ajudar na formação do seu respectivo sindicato profissional.

E, de facto, logo a seguir toda esta classe foi convidada a reunir, por convite do referido Comité de Propaganda, sendo o resultado das primeiras sessões bastante satisfatório. E assim se constituiu, ou melhor, se reorganizou o sindicato dos operários fabricantes de calçado, couro e peles.

Entretanto o tempo passa... e, quando mal nos preparamos, os camaradas que entusiasmados nos tinham pedido concurso para se organizarem, deixam-se adormecer, não mais voltando a preocupar-se com os seus interesses e os de toda a classe, contribuindo assim, com o seu acto, para o sindicato arrastar uma vida bastante difícil.

Entretanto a classe atravessa dificuldades, mas por falta de organização que outra coisa, recaindo a responsabilidade de tudo isto, e ainda o que possa vir, justamente sobre esses camaradas.

E estarão, acaso, todos os operários fabricantes de calçado, couro e peles de Coimbra, dispostos a esperar mais tempo pela solução desse lamentável caso? E não será tempo de, combinando, reunirmos em sessão e colocar o assunto no seu lugar, correndo com os que se não importam e nomeando a definitiva direcção do sindicato? A nosso ver, era isto o que se devia fazer. E não esperando mais tempo, aqui fica o alvitre.

Coimbra, 22.
ADOLFO DE FREITAS
(do Comité de Propaganda Confederal de Coimbra)

Funcionalismo Público

Os empregados do Estado, denominados Pessoal Menor, reclamam a mudança de nomenclatura e a extinção dos fardamentos

A reclamação que uma parte do funcionalismo acaba de elaborar, a fim de ser entregue ao governo, solicitando a extinção da denominação de menor, com que ainda são classificados uma parte deles e a abolição do indecente e vexatório fardamento, é uma das reclamações que mais dignifica e impõe o funcionalismo que a faz, pois que saíndo um pouco fora do vulgar, se começa a agitar para conseguir mais alguma coisa de que a melhoria material.

E provável que a famosa União dos Interesses Económicos acarrete conhecimento de mais uma reclamação do funcionalismo lance as adunças unhas à cabeça e procure com elas aterrorizar o país e o governo. Mas nem por isso ela conseguirá que o funcionalismo interessado deixe de mostrar ao país e ao governo que a sua reclamação aumenta algum provoca, uma vez que a abolição dos fardamentos exige apena que o governo economise, visto que sendo por ele pagos ou pelos cofres do Estado, essa verba ainda a todos os títulos bastante elevada, deixará de ser gasta. Sucederá que a exemplo do que sucedeu no Congresso da República, a mudança de nomenclatura, produza algum aumento; no entanto, esse além de ser coberto pela economia dos fardamentos, não será tão grande nem tão importante, que arrinhe os cofres da nação, esses mesmos cofres que ainda ontent, numa intenção criminosa e verdadeiramente canhota, fizeram desfalcá com um gasto importante de municípios que melhor seria nunca terem gasto.

Provável é também, que um número de individualidades políticas, quebrando um pouco aquele silêncio que a propósito dos assuntos mais importantes e interessantes mantém, perante a nação que dizem representar, se ergam para protestar contra a extinção dum fardamento que para eles muito bem serve, para apresentarem os reclamantes como seres dum inferioridade mental dignos dum tratamento mais que ordinário.

A questão do fardamento e da denominação de empregados menores parecendo uma coisa de menor importância, é no entanto digna de ponderação daqueles que se jactam de representarem a nação e de guiar a nação do Estado, pois que ela vai criando ódios e provocando revoltados.

Se a opinião dessa malta infame de comerciantes sem escrúpulos e políticos suspeitos conseguiram impôr-se a reclamação honesta, sincera e justa daquelas que duma vez, pretendem ver quebradas as algemas que os subjugam a uma condição de escravos dos modernos senhores, nada admirará que amanhã estes respondam indignamente, pois que, a lição dura e desdenhosa que aqueles lhes infligiram devem estes também responder com outra lição, pois que a pensar de fardados e classificados de menor, eles muito nobre e altivamente poderão provar que são maiores e vacinados.

PAULO EMILIO.

Funcionalismo Público

A Comissão de empregados menores das diversas repartições do Estado, incumbida de elaborar a reclamação a submeter à assembleia magna da classe, a fim de reclamar do Estado a abolição dos fardamentos e a mudança de nomenclatura, em sua reunião de ontem deliberou aprovar a respectiva reclamação e convocar todos os interessados para a referida reunião, a qual se efectuará logo que seja levantado o estado de sítio.

A província têm sido recebidas grande número de adesões a este movimento, que parece contar também com o apoio da opinião pública, não só porque visa a terminar com uma situação degradante e ainda porque o próprio Estado, aprovando a mudança da nomenclatura dos empregados do Congresso da República, sançou a reclamação dos restantes funcionários, os quais, além de já terem as novas designações de há muito que em harmonia com elas receberam os seus vencimentos.

Ainda o assassinato de Karl Liebknecht

Publicam-se documentos esmagadores sobre a morte do grande socialista

BERLIM, 19. — Um jornal burguês de Viena, "A Hora", publica informações sensacionais sobre o assassinato de Karl Liebknecht.

O órgão austriaco insere três clichés fotográficos, demonstrando que Liebknecht não foi ferido a seis metros de distância pelas balas, no momento dum pretexto evasivo, como o afirmavam os amigos de Ebert, mas que foi assassinado a quem-roupa e que as balas não atingiram as costas mas sim o peito.

Os comentários de "A Hora"

As três fotografias pertencem ao doutor Ziegler, médico do posto de socorros para onde o cadáver de Karl foi transportado. "A Hora" afirma que os clichés foram apreendidos pela polícia e que ainda se encontram em seu poder.

O mesmo jornal, diz mais num comentário, cuja síntese é o seguinte:

"No caso de as autoridades alemãs estarem prontas a rever o processo, essas fotografias serão postas à sua disposição."

As revelações do jornal austriaco estão causando sensação. O "Vorwärts" que está levantando uma grande campanha contra a Rússia e que acusa Guérin de ter mandado prender o irmão de Martov e a sua família, não diz uma palavra sequer sobre as três fotografias e os comentários publicados por "A Hora".

IMPRENSA

O Livre Pensamento

Reaparece, por estas dias, completamente remodelado, "O Livre Pensamento", de que foi fundador Augusto José Vieira. Continua sob a direcção do sr. Almeida Junior, que agregou a si, também como director, o sr. Ferro Alves.

A Voz Pública

Quando ontem se dirigia para a máquina de impressão a página 3.ª deste nosso colega da tarde, três praças do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, deram um encontro no condutor da página, que imediatamente rolou no solo, ficando inutilizada, motivo, porque este nosso colega se apresentou com duas páginas.

SOLIDARIEDADE

Velada Social em Coimbra

COIMBRA, 22.—Promovida pelo Comité de Propaganda Confederal de Coimbra, realiza-se no próximo domingo, pelas 21 horas, no Teatro da Casa dos Trabalhadores, uma velada social cujo produto se destina à propaganda. O seu programa consta do seguinte:

1.ª parte—Conferência sobre teatro por um componente da Universidade Livre; 2.ª parte—representação do drama "Os criminosos"; 3.ª parte—representação de "A Taberna", entre-acto dramático de carácter social; 4.ª parte—1 acto de "Folies-Bergères", com poesias, canções, guitarras, etc.

Tomam parte no espectáculo, o grupo dramático "Os Metalúrgicos" e alguns camaradas.

Pró vitimas de Vera

Para a defesa dos camaradas processados pelos sucessos de Vera, que estão ameaçados com a pena de morte, receberão este comité mais os seguintes donativos: Corticeiros de Lisboa, 2500; Federação do Livro e do Jornal, 2000; Machado, 500; António Paixão, 700; Verissimo Costa, 500; Júlio de Oliveira, 50; Américo Nobre, 250; Raquel Paixão, 100. Total, 6600. Quanta receberá anteriormente os reclamantes como seres dum inferioridade mental dignos dum tratamento mais que ordinário.

A questão do fardamento e da denominação de empregados menores parecendo uma coisa de menor importância, é no entanto digna de ponderação daqueles que se jactam de representarem a nação e de guiar a nação do Estado, pois que ela vai criando ódios e provocando revoltados.

Se a opinião dessa malta infame de comerciantes sem escrúpulos e políticos suspeitos conseguiram impôr-se a reclamação honesta, sincera e justa daquelas que duma vez, pretendem ver quebradas as algemas que os subjugam a uma condição de escravos dos modernos senhores, nada admirará que amanhã estes respondam indignamente, pois que, a lição dura e desdenhosa que aqueles lhes infligiram devem estes também responder com outra lição, pois que a pensar de fardados e classificados de menor, eles muito nobre e altivamente poderão provar que são maiores e vacinados.

PAULO EMILIO.

CONTRA O HORARIO DE TRABALHO

mantém a Companhia do Gás a sua inaceitável pretensão

Continuam os dirigentes das Companhias Reunidas do Gás e Electricidade, e com elas os mestres de oficina, a pretender impôr o horário de 10 horas de trabalho por dia.

Não deve o pessoal submeter-se a tamanha prejudicial imposição, sendo de lamentar que alguns operários, inconscientemente, se tenham curvado aos desejos dos senhores da empresa, pois a si próprios acarretaram prejuízos pouco difíceis de prever.

Pravengão aos caldeireiros

Foi fixado na Companhia um "placard" anunciando que se admitem quatro ajudantes de caldeireiro.

Um grupo de operários, em virtude de a direcção não ter devido à suspensão de garantias, vieram pedir-nos para prevenir os operários daquela especialidade de que não devem apresentar-se para trabalhar, pois não há falta de ajudantes de caldeireiros e a admissão de outros, a dar-se, irá ocasionar o despedimento dos que não querem traçar o horário de trabalho.

FANTOCHADAS BURGUESAS

A independência do Egito e a cubica do imperialismo inglês

Pessoas desconhecidas, que se julgava serem partidários dos nacionalistas egípcios, mataram, há meses, no Cairo, o "srdr" do Egito, general Lee Stack.

A morte do representante da poderosa Albion, trouxe como consequência uma série de represálias por parte das tropas britânicas destacadas naquele país e a reparação definitiva do Stádio da nação egípcia.

Por outra parte, obrigado pelo governo inglês, então nas mãos dos trabalhistas, o rei Fuad—um monarca tributário do império—dissolveu o parlamento e obrigou a demitir-se o gabinete a que presidia o chefe nacionalista Zaghloul Pachá.

A política inglesa para com o Egito desportou justificadas receios no mundo muçulmano. Duma só cajada o império inglês destruiu a independência do povo egípcio e submeteu à fiscalização militar todas as actividades daquele reino tributário da Albion.

Mas os políticos britânicos encontraram uma maneira de desfilar o seu imperialismo. Sob a forma do estado de sítio, ordenaram a convocação às eleições gerais, confiando que da força eleitoral os nacionalistas sairiam derrotados.

Os soldados e guardas fiscais fizeram fogo para o monte havendo um grande número de mortos e de feridos.

A luta dos trabalhadores dos portos na Grécia

Em 1923, depois da greve geral, a burguesia, levada por um mesquino espírito de vingança, excluiu pelo espaço de um ano, de todos os trabalhos, os militantes mais em destaque no meio operário dos portos, em número de 200 e desde esse momento estes infelizes nunca mais puderam obter trabalho.

Os operários dos portos, condenados à fome, procuraram obter, com a ajuda do proletariado organizado na Confederação do Trabalho, a reintegração dos trabalhadores despedidos. Quando fizeram o prazo determinado, o governo procurou impedir que os 200 operários despedidos pudessem voltar a trabalhar. Resultou que uma parte desses desgraçados morreram literalmente de fome e de doenças causadas pelas privações.

No dia 17 de Fevereiro, a direcção das alfândegas, tendo necessidade de pessoal, contratou aproximadamente 200 operários.

Os que tinham sido despedidos, ao saberem isso, assaltaram os edifícios da alfândega, armados com os seus pesos instrumentos de trabalho, originando um combate terrível entre os esfomeados e os amarelos contratados.

Os soldados e guardas fiscais fizeram fogo para o monte havendo um grande número de mortos e de feridos.

Secção telegráfica

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

LISBOA.—Operários detidos.—Continua o Secretariado tratando da vossa situação. Até ontem as entidades com que nos avistamos não resolveram.

PENICHE.—Metalúrgicos.—Devido aos acontecimentos ainda não obtivemos uma resposta no Tribunal dos Arbitros. Contamos brevemente podermos esclarecer convenientemente.

MINA DE SÃO DOMINGOS

O ódio do gerente aos militantes do sindicato mineiro

MINA DE SÃO DOMINGOS, 17.—De há muito que Diogo da Palma, tesoureiro do Sindicato dos Mineiros, sentia pesar sobre o ódio do gerente.

Esse ódio manifestou-se agora com o despedimento do Palma, sob o falso pretexto de falta de trabalho na secção onde ele trabalhava.

Nem o gerente se recorda já que Diogo Palma abandonou um outro emprego para, a instâncias suas, entrar ao serviço da mina.

INSTRUÇÃO

Comissão escolar da Construção Civil

Reunião dos delegados a esta comissão, hoje, às 20 horas, para tratar da situação em que se encontra a escola.

A rede telefónica para Vizeu

Os membros da Junta Geral de Vizeu, Moreira de Figueiredo e Alexandre Marques da Silva, acompanhados do secretário do presidente do ministério, Avelino Ribeiro, conferenciaram ontem com o administrador Geral dos Correios e Telegrafos sobre a montagem da rede telefónica interurbana na cidade de Vizeu, ficando resolvido fazer o respectivo estudo imediatamente.

PELA INSTRUÇÃO POPULAR

Uma simpática iniciativa que merece ser auxiliada

Perito de Évora existe uma escola, sustentada por operários, instalada em edifício próprio, especialmente construído por operários.

A direcção desse estabelecimento de ensino tomou agora a iniciativa de dotá-lo com uma biblioteca.

Dos inevitáveis dificuldades económicas dos seus mantenedores só pode resultar a pobreza dessa simpática instituição.

Lembramos, portanto, aos nossos camaradas e às pessoas que pela instrução e educação populares se interessam, a conveniência de auxiliar essa nobre iniciativa, ofertando à dita escola obras que possam ou devam figurar numa biblioteca, visando os fins citados.

As ofertas podem ser directamente feitas à Associação dos Trabalhadores Rurais, rua do Cano, 55—Évora, devendo acompanhar-las o nome dos ofertantes.

Reclamação justa

Uma comissão de operários manipuladores de assucré esteve ontem nas estações de Portugal e da Madeira, instando por providências contra a forma como alguns industriais lançam aquele produto no mercado para consumo.

As ofertas podem ser directamente feitas à Associação dos Trabalhadores Rurais, rua do Cano, 55—Évora, devendo acompanhar-las o nome dos ofertantes.

Em Inglaterra durante o último trimestre

21.758 casas para operários

LONDRES, 22.—Tudo leva a crer que este ano ficará assinalado pelo número considerável de construções que se têm efectuado na Inglaterra.

Segundo as estatísticas oficiais, sabe-se que durante o primeiro trimestre desse ano foram construídas na Inglaterra e no país de Gales, nada menos de 21.758 casas para habitação das classes operárias.

No mesmo período do ano passado, foram construídas 16.042. Presentemente estão-se construindo 54.586 ou seja aproximadamente o dobro das que se encontravam em construção há um ano. (R.)

O sindicato é o agregado natural, constituído pela livre associação de todos os indivíduos que exerce o mesmo mister



CRISE DE TRABALHO